

ESTÉTICA DO COTIDIANO: O CASO DO MUSEU GRUPPELLI NA ZONA RURAL DE PELOTAS/RS

NATÁLIA CERQUEIRA NORNBERG¹; CAROLINE LEAL BONILHA²

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está sendo realizada para a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Ela tem por assunto a estética do cotidiano no Museu Gruppelli e se origina na minha curiosidade em relação à existência de arte na zona rural de Pelotas. Como moradora da zona rural e estudante de graduação percebo que esta localidade acaba sendo deixada de lado pelos pesquisadores, principalmente da área de artes. Então, com minha vontade de valorizar tal local e mostrar suas potencialidades, surge essa pesquisa.

Como problema, trago comigo a pergunta: o que o Museu Gruppelli pode nos dizer sobre estética do cotidiano? O objetivo geral da pesquisa é identificar e analisar as expressões da estética do cotidiano no Museu Gruppelli, analisando de que modo a seleção e a apresentação de seu acervo dialogam com o conceito. E também, como objetivos específicos, pretendo estudar o conceito de estética do cotidiano, analisar o histórico do museu para pensar a relação das pessoas com os objetos presentes em tal instituição. Assim, esse trabalho se encontra na área de artes.

O conceito de estética do cotidiano será pensado a partir do filósofo e pedagogo John Dewey (2010) articulado à filósofa Laura Elizia Haubert (2023). Esse conceito retrata a conexão e o sentimento que estabelecemos com determinado objeto, acontecimento, pessoa, fazer, etc. É o prazer que estabelecemos, de uma maneira diferente, até mesmo extraordinária, com atividades e objetos cotidianos.

2. METODOLOGIA

A pesquisa se situa com uma abordagem qualitativa, seguindo a metodologia de estudo de caso. Serão realizadas pesquisas bibliográficas, entrevistas e análises de objetos presentes no museu que serão selecionados posteriormente. A busca bibliográfica de textos acadêmicos se delimita a trabalhos produzidos a partir de 2000, juntamente com o filósofo e pedagogo John Dewey (2010) e a filósofa Laura Elizia Haubert (2023). Tal pesquisa se voltará para a história do museu e também fará uma reflexão sobre o que seria estética do cotidiano, relacionando os resultados teóricos com as análises dos objetos encontrados no museu.

As entrevistas serão realizadas com os fundadores do museu e com moradores das três casas mais próximas ao mesmo. Tanto com os fundadores como com a vizinhança procurarei saber sua relação com os objetos, a importância deles para tais pessoas. Pois assim poderei delinear a estética do cotidiano presente na vida da vizinhança do museu a partir dos objetos do acervo do mesmo. Como também, especialmente com os fundadores, irei investigar a formação do museu.

¹ Universidade Federal de Pelotas - nataliacnornberg@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - bonilhacaroline@gmail.com

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa sobre o histórico do museu já está sendo produzida. Até o momento foram encontrados aproximadamente 58 textos acadêmicos sobre o Museu Gruppelli - sendo três monografias, duas dissertações e uma tese. Os textos, em sua maioria, são da área de Museologia e também de Memória Social e Patrimônio Cultural. Há somente um Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Patrimônio Cultural – Conservação de Artefatos³ de nome “Museu Gruppelli: Um lugar da memória do 7º distrito” de Margareth Acosta Vieira⁴ (2007).

O Museu Gruppelli foi inaugurado oficialmente em 1998. O prédio em que ele está localizado já possuiu várias funções, mas duas das mais destacadas são a adega e a hospedaria da família Gruppelli. Na década de 1930 o prédio foi construído justamente com o objetivo de comportar a adega no térreo e a hospedaria no primeiro andar. Após o fechamento de ambas, o lugar passou a ser um depósito de Ricardo Gruppelli⁵, o que originou, em parte, o museu.

Junto a isso, Neiva Acosta Vieira⁶ e Neco Tavares⁷, juntamente com os visitantes que tinham curiosidade em relação aos objetos presentes na antiga adega, influenciaram Ricardo a criar o museu. Começou, então, a busca por objetos para o acervo, o que incentivou a comunidade a tomar posse da ideia e cooperar. Assim, em 1998 a ideia sai oficialmente do papel e em 30 de outubro ocorre a festa de inauguração amplamente divulgada.

Até 2008, a proposta de exposição do museu se baseava no design e materialidade, como também no raro e curioso, faltando uma visão técnica sobre a expografia (FERREIRA; GASTAUD; RIBEIRO, 2013). Por conta disso, Ricardo Gruppelli e Neiva Vieira buscaram subsídio na UFPel, sendo o museu atrelado à universidade através do projeto de extensão “Projeto de Revitalização do Museu Gruppelli” em 2008. Dessa forma, passando a administração, organização e conservação a serem feitas por servidores e discentes da universidade. Sendo importante a participação de Ricardo Gruppelli como também da comunidade local.

O Museu Gruppelli tem por objetivo, como já mencionado, preservar a memória da comunidade local. Os objetos que antes eram usados no cotidiano do produtor e morador da zona rural, agora, antiquados em comparação às atuais tecnologias, são deslocados para um lugar onde assumem uma nova funcionalidade. Porém, a relação sentimental que as pessoas estabelecem com tais objetos segue a mesma. Sendo assim, os objetos presentes no museu são o meio para a estética do cotidiano dos moradores locais. Então, essa instituição acaba por se tornar um bom objeto de estudo para pensar a estética do cotidiano.

Estética do cotidiano nada mais é do que uma relação diferente que as pessoas experienciam com os objetos e situações. Ela não fica estagnada, está em constante movimento, como se dançasse com a experiência. A pessoa é afetada de uma maneira que ela se envolve completamente no que está experienciando.

³ Esse era o nome, naquele período, da atual Especialização em Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

⁴ Filha de Neiva Acosta Vieira (fundadora do museu).

⁵ Proprietário do terreno onde se situa o museu e um dos fundadores da instituição

⁶ Uma das fundadoras do Museu Gruppelli, natural de Pelotas, era professora dos anos iniciais na Escola Municipal Dr. José Brusque (que ficava nas imediações do prédio onde se situa o museu) e passava a semana na hospedaria da família Gruppelli, assim teve conhecimento do acervo de Ricardo Gruppelli se encantando instantaneamente.

⁷ Um dos fundadores do museu, natural de Pelotas, era fotógrafo de paisagem e foi um dos fundadores do museu. Neco conheceu a família Gruppelli através de Neiva, foi ele quem viu potencial no acervo de Ricardo e deu a ideia de criar um museu.

Aquele momento não é mais algo comum, feito no automático, mas algo prazeroso onde o foco está voltado para o que está acontecendo no aqui e agora.

Seria exemplos dessa experiência, como Dewey traz sobre o homem que mexe nas brasas e se encanta com o farfalhar do fogo, ou “a graça tensa do jogador de bola [que] contagia a multidão de espectadores; por quem notar o deleite da dona de casa que cuida de suas plantas e o interesse atento com que seu marido cuida do pedaço de jardim em frente à casa [...]” (2010, p. 62). Ou como Haubert traz: “a ação de lavar roupa, comprar objetos de decoração e roupas, arrumar e limpar a casa, e ainda a postura adotada ao sentar-se relaxado para ler um livro, ou para compartilhar uma xícara de chá com amigos” (2023, p. 2).

4. CONCLUSÕES

Essa pesquisa contribuirá com uma nova forma de ver e perceber a arte, principalmente na que se encontra presente no Museu Gruppelli - algo que até o momento havia sido pouco pesquisado. Colaborando, então, com uma nova forma de identificar a arte na zona rural. Assim mostrando que não existe arte somente no centro urbano, mas em todos os lugares, só é preciso prestar atenção.

Através disso, ela também agregará ao campo do ensino de arte, trazendo novos saberes aos professores dessa área, principalmente da zona rural. É de extrema importância a valorização da zona rural que é tão apagada pelos centros urbanos. Este trabalho se torna, então, uma forma de os professores de artes das escolas da zona rural poderem ter novas perspectivas e repertórios sobre essa área para levar para a sala de aula.

Por fim, meu trabalho complementa a pesquisa de Margareth Acosta Vieira já que ela investiga os hábitos e costumes dos imigrantes italianos e alemães a partir da iconografia presente no Museu Gruppelli. Em contrapartida, meu foco é a experiência estética - a relação - que as pessoas podem ter com os objetos presentes no Museu Gruppelli. Assim, enquanto ela parte do museu para pensar as pessoas, eu partirei das pessoas para pensar o museu.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERREIRA, M.L.M.; GASTAUD, C.R.; RIBEIRO, D.L. Memória e emoção patrimonial: Objetos e vozes num museu rural. **Museologia e Patrimônio**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 57–74, 2014. Disponível em: <https://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/236>. Acesso em: 15 jun. 2025.

HAUBERT, L.E. John Dewey e as raízes da estética do cotidiano. **Cognitio**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. e61338, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/61338>. Acesso em: 19 jul. 2025.

VIEIRA, M.A. **Museu Gruppelli**: Um lugar da memória do 7º distrito. 2007. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) - Programa de Pós-Graduação em Artes. Instituto de Artes e Design. Universidade Federal de Pelotas, 2007.